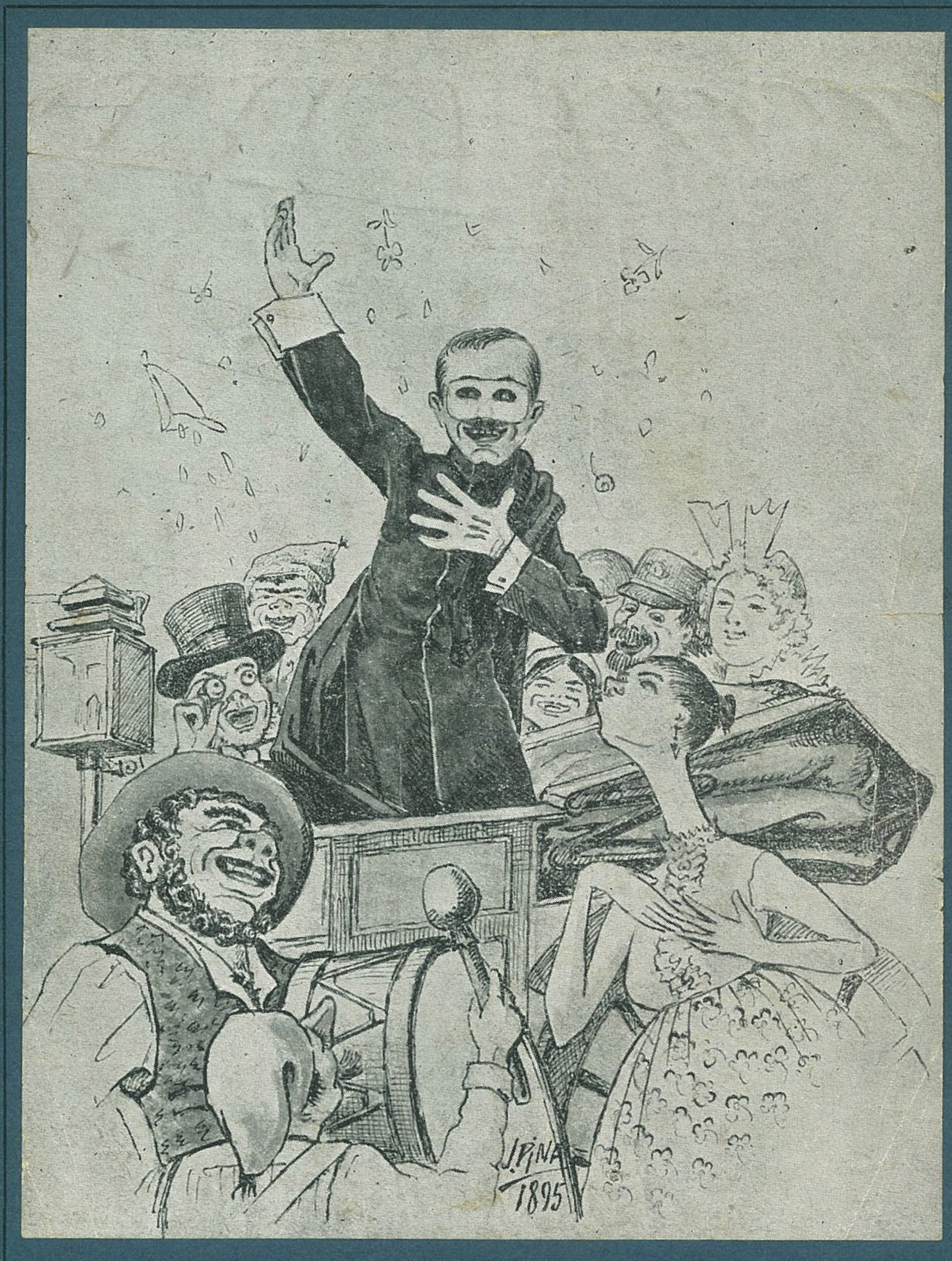


NUMERO ÚNICO CON-
SAGRADO AO 25.º ANI-
VERSÁRIO DO RESUR-
GIMENTO DAS FESTAS
NICOLINAS EM GUIMA-
RÃES

OS "VELHOS,"

1895-1920



O Sampaio recitando o Bando, em 1895

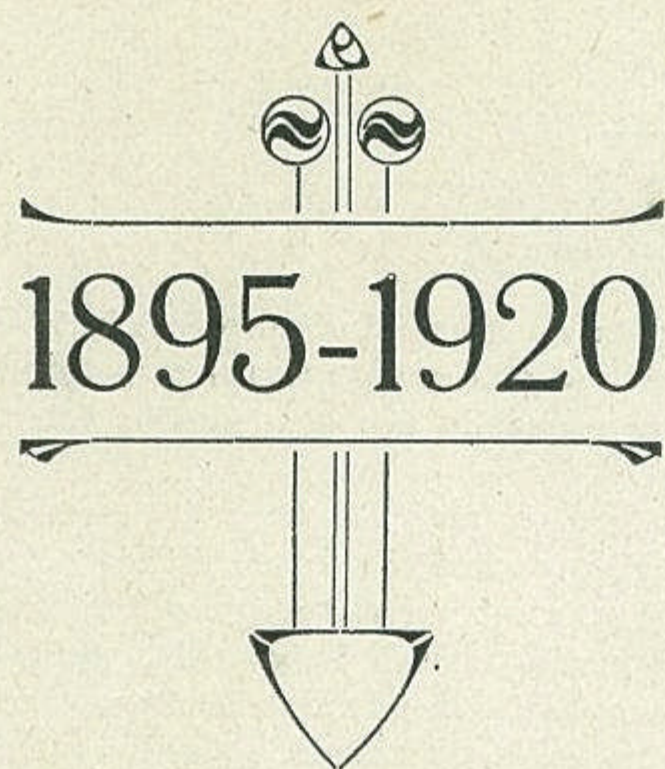
Vós, senhoras gentis, de pura e fina raça,
Fidalgas de solar, cheias de mimo e graça,
Vós todas, ó gentis da terra que adoramos,
Escutai, recebei o brinde que vos damos.

(Bando de 1895.

Autor, Dr. Bráulio Caldas)



OS "VELHOS,"



Dedicatória:

Os velhos cabulas de 95 e gerações académicas posteriores, veteranos da eterna campanha da Vida, que forjaram no Riso e na Alegria uma espada fulgurante de victorias, conseguindo resurgir das cinzas mortas do Passado as tradicionais Festas Nicolinas e mantendo-as com brilho através dum quarto de século, —dedicam êste número único aos estudantes de hoje, aos moços de 1920, para que, lendo estas páginas de Saudade e de incitamento, aprendam, nos que têm cabelos brancos, como se luta e como se vence

a rir, a cantar e a chorar...

Auto da Saudade

Excerpto do Acto em verso, levado à scena no Theatro D. Afonso Henriques de Guimarães, na noite de 8 de Dezembro de 1920, pelos estudantes «aposentados» que fizeram reviver e perdurar as Festas Nicolinas ☒ ☒

..... A gente não atende
Ao facto que se dá na vida que decorre:
A gente vai andando, a gente vai morrendo,
Mas o coração... esse, oh! nunca, nunca morre!
Vamos, pois, a viver um pouco do passado,
Vamos pedir á vida um pouco de calor,
Vamos retroceder ao tempo bem amado
Do riso, do prazer, dos sonhos bons d'amor!

P.^e GASPAR RORIZ.



P.^e Gaspar Roriz

Grande entusiasta das Festas Nicolinas.
Autor do «Bando» de 1906, de varias «Danças» e do «Auto de Saudade»,
levado à scena no Theatro D. Afonso Henriques, em 1920.

NOTÍCIA HISTÓRICA DO SANTO E DA FESTA

Nicolau nasceu em Patara, na Licia (Asia Menor), no sec. III. Morreu em santidade com idade desconhecida a 6 de Dezembro da anno 327. Foi bispo de Mira, capital da Licia.

Durante o imperio de Licinio foi perseguido e desterrado, mas vencido aquele imperador por Constantino Magno, no ano de 314, e sendo dada paz à Igreja, voltou à sua diocese. Assisiu ao Concilio de Nicêa onde foi condenada a heresia de Ario, da Igreja de Alexandria.

Nicolau herdou de seus paes uma riquissima fortuna que distribuiu toda pelos pobres.

Na Itália é patrono de marinheiros porque fazia o milagre de amainar as tempestades. Refere S. Boaventura que, em dada occasião, Nicolau resuscitou dois estudantes, os quaes tinham sido assassinados numa briga. Será deste facto da sua vida que os estudantes de Guimarães o escolheram para sea protector? Sabe-se apenas que a Irmandade de S. Nicolau foi instituida ha 229 anos, no dia 6 de Dezembro de 1691, na Colegiada de N. S^a da Oliveira de Guimarães. Rezam os estatutos da mesma que só a ela podem pertencer os sacerdotes, beneficiados, letrados e estudantes «e se algum estudante, depois de ser Irmão, exercitar officio mecanico, a Meza que servir o riscará sem couza mais alguma ser necessaria»

Cada um pagava, ao ser admitido na irmandade, 480 reis, de esmola, excepto dez irmãos leigos, que tinham entrada gratuita, e poderiam não ser sacerdotes, nem letrados, nem estudantes, mas desempenhavam o mister inferior de serventes.

O traje uzado pelos Irmãos era a casaca e fita branca ao pescoço, com a respectiva medalha do Santo.

A origem da festa annual ao S. Nicolau está certamente na data da fundação da Irmandade (6 de dezem-



S. Nicolau—Bispo

Imagem que se venera na Igreja da Colegiada de Guimarães.
E' o padroeiro dos estudantes desta cidade, que em sua homenagem realizam as Festas Nicolinas.

bro) e data da morte do Santo. A entrada do «pinheiro» explica-se pelo antigo uzo nacional de anunciar qualquer festa erguendo um alto mastro encimado por uma bandeira

Dizem os antigos que as «posses», «magust o» «cortejo das maçãs» têm o seu início no facto dos 10 irmãos leigos, atraz referidos, perceberem por occasião da festa um antigo fôro da irmandade, que constava de maçãs e castanhas. E que depois de recebido o fôro, percorriam as casas da cidade e vendiam apenas as maçãs para, com o producto da venda, realizarem um magusto onde assavam as castanhas do mesmo fôro.

Sôbre a origem do «pregão» ha um facto que talvez se possa ligar com o mesmo, que é o da leitura dos estatutos da Irmandade feito annualmente à nova Meza no dia 5 de dezembro e juramento solene prestado na mesma data pelos mezarios eleitos; ou então a origem que lhe atribue João de Meira («Rev. de Guimarães—n.ºs 3 e 4 de 1905, pag. 161) de ser o bando uma especie de programa da festa declamado nas ruas e praças da vila por um dos academicos festeiros.

No respeitante às «Danças» tratava-se dum folguedo com que as festas eram abrilhantadas e das quaes se colhiam proventos, para cobrir as despezas feitas. No livro de Termos da Irmandade lê-se: «querendo algum que se lhe fação comedias ou danças, e falando nisso a algum official da Meza, esse o fará saber aos mais, etc. . . .»

Nada mais se pode precisar com segurança sôbre as origens desta festa tam caracteristica, realizada annualmente pelos estudantes de Guimarães.

Na biblioteca da S. Martins Sarmiento existe uma preciosa colecção de Bandos manuscritos desde 1827, oferecidos pelo falecido abade de Tagilde.

Comissão organizadora das Festas em 1895

Presidente

Alberto Cardoso Martins de Menezes (Margaride)

Vice-Presidente

Fernando Afonso (Lindoso)

1.º Secretario

Jeronino Ribeiro da Costa Sampaio

2.º Secretario

Gaspar de Souza Mascarenhas

Tezoureiro

José Luis de Pina

Vogais

Adelino Leite de Faria

Antonio Correia Machado

Antonio Leite de Castro

Augusto Alves Pereira

Domingos Ribeiro

Francisco Martins Ferreira

Francisco Neves Pereira

João Campos da Silva Pereira

José de Almeida Junior

José Sarmiento

Luis Ribeiro Martins da Costa (Aldão)

Manuel Bernardino Gonçalves da Camara

Rodrigo Antonio de Souza Barbosa

Serafim Fernandes de Lima

Comissão organizadora da Festa dos «Velhos» em 1920

Dr. Adelino Jorge

Adelino Leite de Faria

Alvaro Ferreira Oliveira

Dr. Antonio do Amaral

Antonio Leite de Castro

Padre Alfredo Correia

Carlos Abreu

Dr. Fernando Chaves

Francisco Chaves

Padre Francisco Silva

Januario Lopes de Souza

Jeronimo Sampaio

João Campos

José Pina

José Roriz

Mario Cardoso

Entusiastas do ano de 1895

Acacio Ferreira Oliveira

Albano Fernandes de Oliveira

Albano Moreira

Alberto Gomes

Alberto Mourão

Amadeu da Costa Freitas

Antonio da Costa Pereira Guimarães

Arnaldo Pereira

Domingos Agra

Francisco Antonio da Silva

Francisco Queiroz

Francisco Vieira

Florencio Leite Lage

Gaspar Lima

Humberto Agra

Januario Lopes de Souza

Jeronimo Gonçalves de Abreu

Dr. João Antunes Freitas

José Carneiro

José Gonçalves

José Mineiro

José de Oliveira Neves

José Neves Pereira

José da Rocha Lima

Manuel Joaquim Marques

Manuel Roriz

Manuel de Souza Mascarenhas

Luis de Freitas

AO SAMPAIO AMIGO

E' um prodigio o que V. tenta fazer. Não lhe digo, mais á sustancia, um paradoxo porque não descortino o que pelo século o não seja chapadamente, no velho mundo.

Se na alquimia sciëntifica ainda ingénuos ha, depois do maluco da ortobiose, que espream na retorta o elixir da longa vida ou efabulam a centenarisação da idade humana pelo enxêrto de glândulas de fama suspeita e nome abstruso, não vejo que alguém se metesse á aventura de querer dar como a hora do presente aquelas sôbre que já a fatalidade lançou o *in pulverem reverteris*. Ao futuro incognoscível opôe-se o passado irremediável...

Arrancar-nos de cima da podrida carcassa tantos anos, os melhores ou os peores, aquêles que foram e não tornarão a ser, para nos aturdir em folias e guinolas, zambumbando forte pela madrugada a caminho da novêna da Conceição, a pelar as unhas nas fogueiras do magusto de castanhas e rascante — como se o vinho não fosse tambem uma recordação historica... —, rompendo em hinos ao amor e denguiques catrapiscantes ás costureirinhas num *bando escolástico* — escolásticos nós que nem hoje mesmo sabemos de que serve a experiencia ao defunto! —, ou refulgindo a lança para a entrega das maçãs ás *eleitas do Senhor*, na cavallhada mais linda que o sol tem doirado de encontro aos velhos muros, a nós, peores que velhos, porque não se envelhece agora na grande serenidade do ter vivido, lutado, sofrido, mas decaí-se trôpegamente, que assomada de loucura foi e para quê, *Sampaio amigo*?

V. adormeceu naquela enganosa musica do recordar é viver. Quiz fazer uma festa á Saudade. Incorrigivel trinador de perdidias boêmias, eterno estudante sempre de cólicas á porta do destino! E' por isso que V., eu, nós, andaremos á dependura toda esta vida e talvez em almas penadas durante a outra.

Mentira, meu amigo. Recordar é a confissão da impotência de tornar a sentir. A saudade, restos dum venêno que trazamos e cuja peçonha lentamente nos corroi, não se festeja — chora-se. E' um sentimento que a palavra diminue e o contacto deprime. Guarda-se, calca-se no coração. Lá, a sepultura do que sentimos; lá, o arquivo do que sofremos. Afivelenos uma mascara — verá mais saliente o rictus do desengano; restolhe num zabumba e diga-me se no som grotêscico não plange qualquer coisa de fúnebre — uma gargalhada estrugindo em chôro —.

E depois que mundo de evocações a nossos olhos! V. já notou que o saber da vida é feito apenas da ignorância da própria vida? O que são os quinze anos, no dizer dos pais, á sobremesa, quando atacavamos o crême e no espirito nos esvoaçava uma idea oculta? — a idade da esperanza. Nós cremos na realização do que esperamos. O mundo é a objectivação do nosso sonho como o futuro projecta o nosso ideal. A mocidade da alma tem um poder mediunico — transforma o granito em pérola, ressuscita do passado para o presente e renasce e cria do presente para o futuro. A' nossa volta tudo é em nós mesmos. Hoje não compreendo o que fui então, como os rapazes me não compreendem a mim. Porque batia o coração alvoroçado mal rosava nuns lábios a graça dum sorriso e como se um olhar, ás vezes de bispinhento azedume, brotasse em felicidade plena? porque num cangirão de vinho se encerrava um sistema de filosofias? porque só de ver o luar a alma esvaecia em sonhos brandos, e nos julgavamos poetas, e nos julgavamos bons, pondo nas travessuras a nota do desprendimento do egoismo, na galhofa o senso dos ridiculos que era necessario vergastar, e todos nos aquietavamos, ao fim, como ao canto da lareira, a ouvir as pulsações inquietas d'este monstro — o coração?...

Veja V. este cotiado farrapo, dum nêgro amarelecido pelo tempo, ainda com a lama e o pó dos caminhos, e um rasgão tão grande e tão mal cosido. E' a minha capa velhinha. Vale um tesoiro e não é mais que um trapo. Feio — mas eu ouço-o, nêgro da côr da noite, a noite em que se sonha.

O que lá vai, lá vai. O Braulio... Como a cidade corria para lhe ouvir os versos! Um poeta tão grande e um coração dorido e atento. V. com as suas diabruras e o diabo dêsse feito de estos nervosos, uma criança traquinas. Depois aquêles estudantes heroicos e barbaçudos — o Alvaro Casimiro, o Fádua, o Carlos.

Arrasava-se o mundo. A troça — o que ha de gracil, a leveza, o esfusiamento caricatural e simultaneamente o que traduz de justiça ou reprimenda, como riso certo e inofensivo, nesta palavra só castiçamente applicável a rapaziadas — a troça á *peste bubonica*! E quando os novos, os que hoje são velhos, iam de visita aos outros velhos mais velhos, alguns dos quais são novos ainda hoje, ás *posses*... Do cristal das taças, em que se reflectia a luz da alegria e onde parecia espumar o licor da saudade, como em evocação de fantasmas, a eles lhes surgia então, como a nós agora, o arripio da perda mocidade, o segrêdo dum beijo que não se chegou a dar, todas as rosas da ilusão espalhadas ás mãos cheias, num impulso de nêrvos, ás vezes rindo, tantas recebendo as primeiras bicadas da coruja sinistra que é a realidade.

Para que veio V. falar no que está morto? Lá porque trazemos o espectro dentro de nós, julga que lhe vamos dar o milagrôso *surge et ambula*? Pois V. não vê, desastrado, que por um momento de enleio, capitôso deliquio dos sentidos, amanhã, ao acordarmos, diante do espelho, quando o maquinismo irio das obrigações — isto de puxar á charrua do



Dr. Braulio Caldas

Talentoso poeta, autor dos primorosos Bandos desde 1895 a 1900.
Grande entusiasta das Festas Nicolinas.
Faleceu em 1905.

trabalho — começar accionando, a nossa amargura será mais funda e os nossos olhos, ainda enchoupilados de excessos que não são para a nossa idade, cegarão de desengano? Provar a loucura para volver ao juizo, esta coisa hedionda que nos petrifica em respeitaveis manequins — ch! não, amigo. Antes a água chilra. Poupa-se o estômago derrancado a novos enfartamentos e deixa-se o coração no seu tic-tac de relógio cansado, que, mal se atrasa, logo o destino corrige.

Adeus, Sampaio, não conte comigo. O pão de cada dia, é agora o nosso trato, e os filhos sôbre os joelhos, com os livros abertos, a soletrem — como se os livros ensinasse alguma coisa!

A fraca porta bateu. Mas, escute. Raio da jeremiada! Este geito que me ficou de parlangar aos senhores jurados... Nem tanto ao mar. Velho ainda não, muito embora encanecido e das peores jornadas. O seu intento é com certeza muito outro. Recordar os mortos, sim, é trazê-los vivos á nossa gratidão, ao nosso convívio carinhoso, ao nosso amor eterno quando a eternidade cabe nos indefenidos limites do humano. Depois... talvez V. se pareça neste ponto comigo. E vá lá um segredo para fecho. Da minha força ou da minha fraqueza. Eu não deixo morrer as ilusões mesmo depois de desiludidas. Vivo-as inteira, plenamente, assim como o meu espirito as concebeu e á mesma luz com que o coração as animou. Pode tudo ruir, naufragar, desmantelar-se. A ilusão, para mim, fica de pé porque só ela é a verdade, na sua pureza, na sua mais alta expressão do belo e do justo.

Que o scepticismo a cognomine de morbida sentimentalidade dissolvente, eu sei que é um acto de força, consciente, voluntaria, reflectida, invulgar. Deixe-se, por isso, meu amigo, embalar nas belas e sentidas endexas do *Auto da Saudade*. Dê alma ao passado porque só é passado o que é material e são. O espirito não se acurva nem á doença nem ao verme. E dá por vezes, como a si, agora, azas ao coração para sonhar, tornar a sonhar ainda.

Guimarães, 23 de Novembro de 1920.

Eduardo d'Almeida



Damas de Guimarães, mimosas flores de Liz,
Que a cidade adornais e o nosso bando ouvis,
Eva enganou a Adão com a maçã traidora;
mas as nossas maçãs, ó virgem sedutora,
não são pomos de engano ou pomos de discórdia...

Bando de 1896
Autor—Dr. Braulio Caldas

Recitado por:
Luís Augusto de Freitas.

Guitarras, que gemeis em líbricas toadas
Suavissimas canções duma ternura infinda!
Mandai, no sol poente as últimas baladas
Da saudade, do amor em que este bando finda.
—Guitarras de boémia, eu sou o vosso aio,
Chorai quando eu morrer!... rezai por o Sampaio!...

Bando de 1897
Autor—Dr. Braulio Caldas

Recitado por:
Jerônimo Ribeiro da Costa Sampaio.

O' tricaninhas de hoje, amantes do progresso!
Dai-me o voto, que é meu... senão... não vos conheço.
Votai na minha urna... a urna do estudante
Tem mais votos que el-rei, é forte e é constante.

Bando de 1898
Autor—Dr. Braulio Caldas

Recitado por:
Alvaro Machado da Silva Ferreira Oliveira.



Pelos mortos!

VÃO já passados 25 annos sobre o inicio do segundo periodo das festas escolasticas que a minha geração, n'um impulso de respeito pelas tradições cidadinas e formando então um nucleo academico respeitavel pela creação do Seminario e d'outros estabelecimentos d'ensino, fez reviver em 1895, com todo o brilhantismo e esplendor, a par da mais rigorosa obediencia aos preceitos do antigo Estatuto, conservado entre o pó dos folios da Sociedade Martins Sarmiento.

Assim resurgiram as festas Nicolinas, creadas pelos nossos antepassados entre o estudo do velho latim e o das humanidades.

Ao seu resurgimento dedicaram os academicos dos fins do seculo XIX um finissimo espirito e uma inconfundivel graça, tornando-as queridas do meio vimezanense.

Traduzindo uma ideia verdadeiramente generosa, lançada pelos inicia-



Joaquim Inacio d'Abreu Vieira

Entusiasta das festas e autor das «Danças» no anno de 1895.
Falecido em 1904.



Alberto Margaride

Entusiasta das festas de 1895 e presidente da Comissão que as realisou.

dores d'este segundo ciclo de festas e pelos seus continuadores, vamos nós, os «velhos», comemorar este ano a data da *Ressurreição*, lembrando os nossos antigos folguedos d'estudantes, o carinho de que os revestiamos, o mimo que lhes imprimamos e todo esse passado, tão querido pelas recordações que encerra e tão saudoso por jámais poder voltar.

Pois bem!

Vistamos de galas e d'alegria o apagado ardor da nossa mocidade, confraternizemos amistosamente n'um apertado abraço de antigos companheiros, separados hoje pelo labutar da vida nas suas multiplas manifestações, abracemos comovidamente perante o esboçar dos nossos cabelos brancos, que surgem, dia a dia, aterrorisadoramente, lembrando-nos a velhice que não tarda; e no meio de tudo isto deixemos livres alguns momentos para evocar a memoria dos nossos queridos mortos e velhos entusiastas, que já não podem associar-se ás nossas demonstrações festivas, rendendo-lhes muito piedosamente o culto da nossa viva e profunda Saudade.

Braulio Caldas, esse ilustre advogado e mimoso quanto sarcástico poeta, que tanto apreciamos no fôro e em seus versos; Luiz Augusto de Freitas, um dos mais estudiosos e inteligentes estudantes do meu tempo, quer no Lyceu, quer na Universidade, e tantos outros que a morte arrebatou, são credores de uma tão simples quanto justa homenagem.

Oxalá fôra possível aos «Velhos» que resuscitaram as festas de S. Nicolau em 1895 fazerem resurgir tambem no dia de hoje todos quantos n'ellas colaboraram com o fulgor do seu talento, com a alegria propria do seu temperamento e com o amor ás tradições d'esta terra que tanto nobilitaram.

O impossivel é sempre, tristemente o impossivel!!

Alguma coisa, porem, pode suavisar a nossa dôr e a nossa saudade — a recordação intima e respeitosa de que elles foram mestres, amigos e companheiros nas nossas lides escolares — deixando-nos o exemplo do seu saber, competencia e lealdade.

Evoquemol-os na hora presente e enviemos-lhe para alem tumulo a expressão do nosso profundissimo sentimento no momento em que estamos confraternizando n'uma festa, apropriadamente chamada «a Festa da Saudade».

Antonio Maria do Amaral e Freitas



Um lustre já lá vai depois que ressurgira
A festa a Nicolau que toda a gente admira!
Saudo-vos então — um parabem profundo,
Por não ser desta vez ainda o fim do mundo.

Bando de 1899

Autor — Dr. Braulio Caldas

Recitado por:

Alvaro Ferreira Machado.

Século da Luz... adeus... Poente... o sol fenece!...
Século Vinte surge... Aurora, resplandece...
Nasças tu, muito embora, em negra terça-feira
Has-de ser o melhor... a era mais fagueira...
Na Paz e na Verdade, o século mais fauendo!
O mais santo e feliz desde que o mundo é mundo!...

Bando de 1900

Autor — Dr. Braulio Caldas

Recitado por:

Antonio de Pádua da Silca Cardoso.



O. S. Nicolau

QUE encanto particularissimo que tem a jovialidade das escolas! A mocidade não o é sem a pujante alacridade dos verdes anos. Quem diz rapazes, diz corações viçosos, almas boas e abertas, fortemente avigoradas por dilatados idealismos de policromias radiantes!...

Folgaz mocidade dos sonhos bons e inofensivos, e que atraz dêles correis esperançadamente: é chegada a hora própria da vossa despreocupada e ampla reinação! Não desaproveiteis o ensejo, que vo-lo dá a idade e vo-lo confere até como direito próprio e respeitavel.

Os aplausos que cobrem o rejubilar intenso da juventude louçã estão na razão directa do arrojo que desperta a gaiatice senil. O folgar quer adequada hora, e a vossa soou.

Aos folguedos, pois, que vos convida Nicolau! Mas Nicolau é santo, e disso não vos esqueçais nunca. Conservai em toda a sua pureza a mui honrosa e salutar tradição de prestar devida homenagem ao glorioso Padroeiro de que tanto vos ufanaís, e se alguém, escarninho, neste século deslumbrante de luzes intensissimas, se rir da vossa carolice avoenga, não vos acabrunheis pusilânimes, mas, alma alevantada sempre e coração magnânimo, perdoai indulgentes, que a indulgência também fica bem a rapazes...

João de Freitas

SAUDADE

CADA dia que passa eu vejo mais distante,
Da alegre mocidade,
Esse tempo feliz em que fui estudante,
E sinto saudade...

Q'ria voltar atraz, por um instante apenas,
P'ra de novo sentir
Dentro do coração alegrias e penas,
P'ra chorar e sorrir!

Percorrer, outra vez, os floridos caminhos
Por onde já passei;
E, de novo, colher as rosas e os espinhos
Quando sofri e amei!

Oh! baldado apetite, oh! inutil desejo
Desta cabeça louca!
Sentir, a crepitar, o mesmo amor num beijo,
Beijar a mesma boca!

Impossivel, meu Deus, poder tornar atraz,
Poder dizer ainda:
«Que venturoso se é, enquanto se é rapaz
E como a vida é linda...

Infeliz coração, porque envelheces tanto,
Porque vergas assim?
Acaso já perdeu a vida todo o encanto
Que tinha para mim?...

Não vês como ao redor de ti, tanto amiudo,
Ruidosos corações
Andam sempre a brincar e a troçar de tudo.
Repletos de ilusões?

Oh! minha capa negra toda esfarrapada,
Côr do latim e grego,
Quem me dera saber se ainda estás *pregada*
No tal horrivel *Prcgo*!...

Incomparavel tempo, em que nada ficava
E tudo se perdia!...
Em que, posto a estudar, quanto mais estudava
Ainda menos sabia...

As noites de luar, com fadinhos do Hilário
Cantados com ardor,
Passadas sem dormir, num sombrio fadário
Tudo só por amor!...

Livros que já rasguei e que calquei aos pés
Por entre ódios mortais,
Como tudo me lembra ainda tanta vez
Nunca mais, nunca mais!...

Jerónimo Almeida



Meu caro Jeronymo:

APEZAR dos meus cabellos brancos contava-me ainda no numero dos novos, se você, com o seu pedido para eu colaborar no numero unico «Os Velhos», não viesse, já não digo convencer-me, mas insinuar que o meu tempo já passára. Seja assim. Ha 25 annos ninguem fallava já nas festas Nicolinas. Então como hoje o passado ia-se esquecendo. Meia duzia de estudantes, entre os quais se encontrava, como não podia deixar de ser, o *velho* Jeronymo Sampaio, lembrou-se de fazel-as resurgir. O que elas foram nem eu sei já dizel-o. Recordo-me apenas de que alguns velhos colaboraram nas festas d'esse anno com o mesmo entusiasmo dos novos.

Com esta alliança de velhos e novos as festas academicas de S. Nicolau tinham o seu futuro assegurado.

Os novos d'aquelle tempo — *velhos* de hoje — recordando-se talvez do auxilio valioso que os velhos de então lhe prestaram, veem saudar os novos e dizer-lhes que as festas devem continuar com o mesmo brilho e entusiasmo de ha 25 annos, porque assim o «manda Nicolau» e quer o Povo de Guimarães, para que se não perca mais uma tradição d'esta velha terra.

Creia-me sempre seu amigo muito dedicado,



José Ferreira Mendes da Paz

Grande entusiasta das Festas, que pagou as despesas feitas com as «Danças» de 95. Falecido em 1906.

João Rocha dos Santos

Sacerdotes do altar olympico do estudo!
 Não nos olheis assim, com gesto carrancudo.
 Não fala a nossa festa ao vosso génio austero?
 — A festa é uma lição: Marcai-nos mais um zero...
 Mas deixai-nos gozar os dias do folgado
 Que p'ra recuar, é tarde, e p'ra acabar, é cedo.

Bando de 1901
 Autor—Arnaldo Pereira

Recitado por:
 João Joaquim da Costa Oliveira Bastos.

Silêncio! Fala agora o nosso coração
 Um hino de saudade áqueles que lá vão.
 A'queles que lá vão por essa vida fora,
 Alma na boca, azas na Alma, olhos na Aurora,
 Pisando a estrada em flor esplendida e funesta:
 Choremos os que já não podem vir á festa.
 E um dia, ou outro dia, ouvindo a nossa voz,
 Alguem virá também, para chorar por nós...

Bando de 1902
 Autor—Arnaldo Pereira
 Recitado por:
 Joaquim Martins de Menezes.

Amigos não cançar! os ecos do zabumba,
 Capazes de acordar um morto já na tumba,
 Indo de vale em vale, indo de serra em serra,
 Digam a Portugal, digam a toda a terra
 Que se interroga inquieta a perguntar—Que ha?
 —Que a festa a Nicolau é viva e viverá.

Bando de 1903
 Autor—Dr. João de Meira
 Recitado por:
 João Joaquim de Oliveira Bastos.

Até ao derradeiro momento!

EU era ainda muito creança, quando a meu querido e saudoso Pae ouvi fallar do S. Nicolau.

Com tanta ternura e tal enthusiasmo se referia á velha tradição em que havia collaborado nos seus tempos de estudante de latim, na aula do Venancio, que, desde logo, se enraizou dentro em mim o immenso desejo de tomar parte na linda festa que o bom povo da minha terra acolhe sempre com franca alegria e affectuoso carinho.

Decorreram alguns annos e n'uma bella tarde, o Alberto Margaride e José Pina, em nome d'uma amizade nunca desmentida, e jamais ensombrada pelo mais leve equívoco, intimam-me a acceptar o papel de «pregoeiro» da Festa que n'esse anno iam fazer ressurgir.

Quando tal ouvi, eu, que sou um feixe de nervos e todo sensibilidade, agradei commovidamente a lembrança do meu nome e, fingindo uma modestia que nada tinha de verdade, declinei o gentil convite com que desejavam honrar-me.

—?E' a tua ultima palavra? Fallas sinceramente? perguntaram elles um tanto ou quanto formalizados.

Tomei ar, respirei um pouco, e, passando a mão pela fronte em attitude de quem limpa os suores frios provenientes das grandes commoções, repeti-lhes o que, n'esse delicioso instante, me dizia cá dentro o coração a saltitar de contente: Dize-lhes que sim, dize-lhes que acceptas.

Fiz a vontade aos amigos, obedeci ao coração.
 No dia seguinte, ainda o astro rei não tinha surgido no alto da nossa encantadora Penha e á hora a que o sino de S. Paio estava a chamar os fieis para a missa das Almas, já eu ia todo esbaforido, no alto da Vacca-Negra, a caminho da ridente Vizella, afim de conseguir do Dr. Bráulio Caldas os versos para o «pregão».

O querido Bráulio, o Bráulio perante quem n'este momento a minha alma ajoelha saudosa e que não esquecerá jamais, recebeu-me de encontro ao peito, e com sorriso de santo e de amigo purissimo accedeu ao meu pedido.

Os seus formosissimos versos, os seus inspirados e maviosos alexandrinos, foram religiosamente escutados por uma terra inteira e uma terra inteira ovacionou com delirio o suavissimo poeta das «Andorinhas mansas».

Foi tal a alegria que senti, tão grande o enthusiasmo que de mim se apoderou, que nunca mais deixei de ter pela Festa do S. Nicolau a mais viva e arreigada sympathia.

Amo-a como se ama um pae e uma mãe queridos!

Adoro-a como se adoram filhos extremosos!

E porque é que não hei-de eu amar e adorar a interessante festa dos estudantes, se ella é uma das mais bellas tradições da minha terra, d'esta terra a quem tanto quero, se ella aviva o bom tempo da minha alegre mocidade tão serena e tão feliz, se ella me recorda dias venturosos em que só havia paz na minha alma e alegria no meu coração?!

Ainda que não fosse senão por isso, hei-de querer-lhe bem, eternamente bem!



José Pina

Entusiasta das Festas Nicolinas que sempre tem prestado ás mesmas o seu brilhante concurso artistico.

Hei-de dar-lhe sempre todo o meu alento até a hora bendita da minha morte; até ao derradeiro momento em que os amantes de S. Nicolau vão atraz de mim a tocar tambor, a rufar estrondosamente, para que, dentro do caixão, impossivel se me torne ouvir cá fora as fingidas lamurias dos falsos amigos e os gritos soluçantes de enganosas carpideiras!

Jeronymo Sampaio



Jerónimo Sampaio

Pregoeiro do Bando de 1895 e 1897.
 Grande e apaixonado entusiasta do «S. Nicolau».
 O «Pae das nossas Festas», no dizer do Poeta.

S. NICOLAU

AS festas de S. Nicolau veem de longa data e têm sido celebradas através de séculos com maior ou menor esplendor.

Em 1871 foram elas brilhantissimas. Eu era então um pichote. Que festas inegaláveis, que enthusiasmo na academia!

Todos os numeros dos tradicionais festejos foram rigorosamente executados.

Os académicos de então tinham a auxiliá-los, além dos velhos aposentados, todos os académicos que frequentavam os cursos superiores, advogados, médicos, ordinandos, aspirantes ao sacerdocio, presbíteros, etc....

Todos se sujeitavam e todos cumpriam á risca o velho estatuto de 1691.

O' rapazes de então, ó pleiade ruidosa e alegre, para onde se escoou a vossa alegria!

Para vós vai neste momento toda a minha admiração e saudade.

E agora duas palavras para vós que fostes os rapazes gárrulos que em 1895 realizastes a empreza de fazerdes ressurgir estas típicas festas que estavam mortas. Eu venho saudar-vos porque, além da obra então realizada brillantemente, vindes hoje celebrar as bodas de prata dessa data gloriosa, dando assim aos novos de hoje um salutar exemplo que é uma lição prática do amor que devemos ter ao passado e á tradição.

Sede seu guarda fiel, dizei á juventude actual que cumpra a antiga constituição, essa lei que regeu as gerações académicas passadas.

Que a cumpram não só na parte profana, mas também na parte religiosa. Para isso existe na Colegiada desta cidade a muito Nobre e Antiga Irmandade de S. Nicolau á qual só podiam pertencer os académicos.

No dia 6 de Dezembro era, noutro tempo, festejado o Santo protector da Academia, com a assistência dos estudantes. E' preciso que a tradição se conserve integra: Dizei aos rapazes de agora que é preciso conservar carinhosamente o nosso velho pergaminho. Não vos esqueçais disto, ó rapazes de 1895!

E agora vós, ó mocidade de hoje, ouvi a cansada palavra dum velho que há 49 andava, como vós andais agora, cheio de enthusiasmo atroando os ares com seu zabumba:

Folgai, emprestai á velha festa a alegria das vossas almas moças e transmiti ás gerações que venham esta bela tradição. E um dia, mais tarde, quando a neve dos anos branqueie a vossa cabeça, vós olhareis para o dia de hoje com o mesmo enternecimento e saudade com que eu o faço agora.

Oh! se vós soubesseis que dulcissimo amargor há no recordar!...

Antonio Monteiro

E agora, ó minha Alma, de joelhos,
 E agora, ó minha fala, docemente;
 Coração, sobe aos lábios, diz os velhos
 E sempre novos temas de quem sente...
 Coração fala franco.

Bando de 1904
 Autor—Dr. João de Meira
 Recitado por:
 Ernesto Avelino de Brito.

Quem é o Sonhador, esse Poeta, agora,
 Que outrem não pode ser, tendo o olhar que tem
 Onde já brilha a luz da sempiterna Aurora,
 Que á janela do Céu, vendo-nos hoje, chora
 Em lagrimas que são as pérolas do Alem?
 E' o Bráulio, certamente...

Bando de 1905
 Autor—Dr. João de Meira
 Recitado por:
 Joaquim Firmino da Costa Azevedo.

Os anos tem passado... e a nova geração
 Seguindo o uzo antigo, a posse secular,
 Em troca da maçã—o pômo lindo e bom—
 Um raio vem pedir do vosso terno olhar.

Bando de 1906
 Autor—Padre Gaspar Roriz
 Recitado por:
 António da Fonseca e Castro.

Museu de saudades

NAS ruínas dum jardim que no meu peito houvera
—Encantado jardim das minhas ilusões—
Construi um museu para as recordações
Do tempo, que passou, da minha primavera.

Singular colecção de sonhos que a Quimera
Fôra criando a rir! Loucas aspirações
Da minha mocidade! Aéreas pavilhões
Que o vento derrubou em ímpetos de fera!

Como é grato rever, nas tristes galerias,
A guitarra que outrora, em noites de luar,
Soluçava do fado as ternas melodias,

E a sua companheira, a capa de estudante,
Que me aquecia a alma e me ensinou a amar
Da minha primavera o tempo já distante!

Dezembro de 1920.

Amadeu Carvalho

Reminiscencias

O Sampaio amigo, que era em 95 um irrequeto moço e um dos que fizeram resuscitar as tradicionais festas nicolinas, quere, ao festejar as bodas de prata de tal acontecimento, que eu, um representante das mais velhas gerações académicas da nossa terra, faça prosa, para colaborar nessa festa no meio dos «velhos» do seu tempo.

Estes velhos, são, ao meu lado umas creanças; mas tudo no mundo é relativo. Passe, pois, o termo.

Eu bem lhe digo que já não posso escrever e tenho já as faculdades de trabalho *gastas*; que a inspiração sofre de enxaqueca incurável, que o gelo dos anos me entorpeceu a emoção e que não posso, portanto, apresentar coisa que se veja. Mas não há razões que o demovam do seu intento. Quere á força. Pois vamos lá a obedecer.

Mas, afinal, que queres tu que eu diga, meu Sampaio? que te fale dos meus tempos de rapaz? Mas é tão comprida a estrada que liga a minha triste velhice á minha alegre mocidade, que eu receio não ter forças que me lá levem. Apellando para todas as minhas energias darei os passos que conduzam e coloquem, ainda creança, na boa escola do *Venancio*, o meu saudoso mestre de latim. Aí colocado, confrontando então as festas que faziamos com estas que para aí se realizam agora, sinto, digo-o com franqueza, descer á minha alma uma tristeza tão grande que me faz chorar — *desculpa a mimathice*. Como tudo está mudado! O que por aí se faz agora, sem conhecimento do que isto foi, do que isto era, do que isto deveria ser!!...

As nossas festas perderam aquela graça peculiar, aquele tipico sabor realista que era todo o seu caracter e encanto. Pois não é assim, meu amigo? Estão-me saltando á memoria muitas anedoctas desses tempos e que confirmariam os meus dizeres. Mas nelas não falarei, não só porque occuparia muito espaço, mas ainda porque o meu gasto organismo e cansada mente não consentem fadigas tamanhas.

Vês tu, meu amigo?, eu, a quem competia cantar hinos á minha mocidade distante, ou, quando muito, chorar quiméricas ilusões mortas, não soube senão ralar. Coisas de velho; rabujices de quem tem 70 anos!

Estás satisfeito? Talvez ainda não. Nesse caso digo-te como Cicero:

Jam lacerat me meus dolor!

Adeus.

P.^e Francisco Lima

Caixeiros!... alto ahí!... um passo á retaguarda!
Respeitai a batina, a sacrosanta espada
Que Minerva nos deu p'ra vencer a Sciência!
Isto não é por mal, não é, tende paciência...

Bando de 1907
Autor—*Delfim Guimarães*

Recitado por:
Francisco Xavier d'Albuquerque Dias.

O' loiras Julietas:
Por vossas mãos bordai as nossas capas pretas,
Fazei delas um manto d'astros, num sorriso
mais belo do que o manto azul do Paraizo!

Bando de 1908
Autor—*Delfim Guimarães*

Recitado por:
António de Araujo Carvalho Junior.



Jaime Sampaio

estudante de 1920

«Mas... perdão, nossos paes já foram como nós,
A historia não mentiu, já fala dos avós!»

S. NICOLAU

FAZ precisamente vinte e cinco anos que alguns estudantes com acendrado amor e cheios de entusiasmo pelas tradicionais festas nicolinas, as fizeram ressurgir do pó do esquecimento em que jaziam.

Creio bem que nunca o patrono da academia vimaranense teve tam brilhantes e ruidosas festas, ainda mesmo nos tempos em que a laboriosa e vetusta Guimarães contava grande numero de entusiastas. E' que os académicos, nêsse ano e seguintes, tiveram quem soubesse, como nenhum outro, cantar em versos galhofeiros o Protector das virgens, filho amado da Lycia, e as gentis damas vimaranenses, «senhoras de pura e fina raça», a quem a mocidade estudiosa sempre dedicou a sua festa e os seus affectos.

Esse dilecto amigo dos estudantes, êsse exímio poeta chamou-se Dr. Bráulio Caldas. Ainda hoje os entusiastas, os velhos, lhe rendem preitos de homenagem, veneração e eterna saúde

Como é agradável, como é sublime, recordar as pessoas amigas que, nos tempos de juvenis folguedos, nos guiaram e concorreram para a sua mais completa e brilhante realização!

Como o coração se enche de alegria, de vida, ao recordar os factos passados, as peripécias dadas, no decurso de tam gratas festas!

Que nunca a mocidade académica de Guimarães as olvide e que o procedimento dos antepassados lhe sirva de incentivo para a sua realização.

Salvé, pois, o dia 8 de Dezembro e os que se empenham em conservar as tradições que constituem a história dos tempos, a vida dos povos e das nações.

Padre Alfredo Corrêa

A mocidade é triste! e até Nicolau chora
Ao ver que se transforma a deslumbrante aurora
De seus filhos amados num pôr-de-sol de mágua!
Minerva, aí! essa tem os olhos rasos d'agua
E murmura dos ceus em sua voz suave:
—Um ano ainda mais! o ultimo? quem sabe!

Bando de 1909
Autor—*Delfim Guimarães*

Recitado por:
Antonio José Gonçalves Dias.

Consola recordar tudo o que faz saúde!
Recordemos da festa a sua mocidade.

Bando de 1910
Autor—*Jerónimo de Almeida.*

Recitado por:
Manuel Joaquim da Silva.

Embora pouco azeite e caro o bacalhau
Há-de a festa brilhar do nosso Nicolau!
Não perde o seu folgar a nossa Academia
Sempre no mesmo tom, na mesma galhardia.

Bando de 1911
Autor—*Souza Macário*

Recitado por:
Arnaldo Passos.

RESTOS DA MOCIDADE

PODE amanhã o Sol cortar as suas relações com a Terra — e sabem V. Ex.^{as} o que representaria êsse simples rompimento? nada mais, nada menos que o fim do Mundo! Pode, amanhã, o astro colossal e misterioso—embora isto de misterioso peze aos sabios—no seu poder incomensuravel, quebrar os fios condutores, invisíveis, da chamada força de gravidade, e, aborrecido, enojado do que por cá se passa, fazer precipitar nas guélas do mais profundo e insondavel abismo, esta bola, já de não revolução achatada nos polos, antes tão redonda e de pele tão retesada que, se rebenta pela podridão do miolo, muito terão que fazer os delegados e sub-delegados de saúde dos outros planetas; pode, enfim, amanhã, o Rei da Natureza dar-se á extravagancia de se desviar do seu giro habitual e com êsse extraordinario passeio, que em verdade não desejamos, converter

tudo isto num montão de escombros — *hoje, ninguem tira a fala aos velhos entusiastas das tradicionais Festas Nicolinas.*

Celebramos as *bôdas de prata* do ressurgimento da velha folgança, e fazemo-lo com tal entusiasmo e doçura que nos sentimos rejuvenescer.

Vinte e cinco anos já são desfeitos! Uma vida! (agora são curtas) e é ainda bem viva em nosso espirito e com lugar reservado em nosso coração a lembrança desses tempos felizes.

Quadra florida e fascinadora! Recordar-te é sorver, inebriado, o teu agradabilissimo perfume; é sentir, saudoso, os teus encantos, os teus sorrisos, as tuas inolvidaveis e graciosas travessuras; é balsamizar os nossos sofrimentos; é viver.

Festas Nicolinas, festas dos estudantes de Guimarães que ha vinte

e cinco anos nos orgulhamos de fazer despertar dum prolongado sono ao vibrar dos suaves acordes do vosso hino, recordar-vos é chorar de contentamento, é tremer de entusiasmo. E' claro que para compreender a grandeza dêste entusiasmo é preciso ser vimaranense; para o sentir, só nós.

Comemorando, pois, esta data, sem esquecer o que devemos ao nosso padroeiro — S. Nicolau — e os que morreram, vamos, por instantes voltar aos tempos antigos.

E com que alegria o fazemos!!

Vamos cantar, foliar...

Abençoado ensejo — *as bodas de prata.*

¿ E quem pode ridicularisar o nosso gesto? Ninguém.

Restos da mocidade.

6 — XII — 920.

José Roriz

SAUDADES

O velho amigo Sampaio, *alma-mater* das Festas ao S. Nicolau, exige de mim umas linhas para o nosso número único. Não sei escrever. Apenas sei sentir. Sinto e nutro imensas saudades dos tempos idos. Quando olho para o passado parece-me que já não tenho direito de viver. Isto é para os novos. Relembrar o que os meus amigos de 95 fizeram é encher-me o coração de saudade. ¿ Como êsses rapazes nada temiam!

Rabujices de professores, contrariedades, tudo, emfim, tudo venceram e arrancaram do olvido as lindas festas ao S. Nicolau, tão bem cantadas pelo nosso saudosíssimo Braulio Caldas nos seus nunca assás lembrados *bandos*.

Por isso eu, meu amigo, nunca escreveria para o número único das nossas festas, se não sentisse dentro em mim um não sei quê que me obriga a prestar nestas columnas a minha mais sincera e dolorida homenagem ao querido condiscipulo e nunca esquecido amigo, Manuel da Costa Roriz, um dos grandes entusiastas d'então do S. Nicolau. E fez no dia cinco 21 anos que a morte no-lo roubou!

Para ti, querido morto, que em mim sempre tens vivido, vai a minha maior saudade.

Para os entusiastas das festas de 95 que ora festejam as suas bodas de prata um grande abraço.

Luiz Gonzaga

Pela vida em fóra...

A' memoria saudosa dos meus tres professores:

Conego Antonio Julio de Miranda
Conego Antonio da Silva Ribeiro
Conego José Maria Gomes.

TUDO lá vae, lá vae, no turbilhão da vida!
Tudo lá vae, lá vae, levado pela idade!
Declina a juventude... é já quasi perdida...
Cahiram illusões... e nasceu a Saudade!

Agora ao recordar a epocha vivida
do tempo de rapaz, da alegre Mocidade,
uma grande tristeza, immensa, indefinida,
avassala minh'alma, e o peito meu invade.

Mas de tudo o que a mente ainda recorda e chora,
de tudo o que morreu e o coração adora
n'essa noite lethal do Passado distante,

Uma recordação existe bem maior...
Não é d'alguem extincto ou 'squecido Amor...
E' a lembrança cruel da vida de estudante!

Guimarães—Dezembro de 1920.

Eduardo Passos

Senhoras, perdoai! Nós somos tão velhinhos,
Que ao chorarmos a nossa loira mocidade
Fazemos recordar os lividos ceguinhos
A chorarem a Luz, com preces de saudade!...

Bando de 1912

Autor—Delfim Guimarães

Recitado por:
Alberto Virgínio Baptista.

Rapazes, atenção!
A lei de Nicolau decreta, neste dia,
A todo o estudante amigo da folia,
Que o bombo entre acção.
Rufai valentemente!...

Bando de 1914
Autor—Leão Martins

Recitado por:
Francisco d'Assis Pereira Mendes.

RECORDANDO

A Tradição desempenha na economia e vida dum povo funções semilhanças à da raiz na vida das plantas.

Dá-lhe consistência e fixidês; vai às entranhas tenebrosas do Passado haurir a seiva que a vitalisa, alimenta e fortifica, dando-lhe robustês para resistir aos embates do Presente e permitindo-lhe encarar confiadamente as contingências misteriosas e quiçá terríveis do Futuro.

Infeliz sociedade onde o fio da tradição se rompeu, que em breve, desamparada, se perderá.

No culto de tradição ha manifestação de mentalidade e revelação de tendências artisticas.

Ela fala-nos muito à intelligência, mas ainda mais ao coração. ¿ Pois amar a Tradição não é recordar e recordar com enternecimento?

¿ E o recordar não é o acto da alma o mais cheio de emoções e encantos, aquele em que o Sentimento atinge a expressão máxima de beleza?

Nós a recordar aprendemos, porque a experiência é o mais seguro dos mestres — e o Passado é a experiência; mas recordar é também o nós debruçarmo-nos sobre a janela da Vida a ver passar o longo cortejo das illusões pulverisadas, das quimeras mortas animadas e vivificadas pelo calor do nosso coração.

Por isso a recordar amamos.

*
* * *

Eu tenho um entranhado amor a tudo o que passou e todas as vezes que assisto a qualquer acto onde a tradição é honrada, a minha alma enche-se de entusiasmo.

Ainda ha pouco, quando os estudantes novos andavam aí pelas ruas da cidade, cheios de mocidade e alegria, realizando os folguedos da Festa Nicolina — uma das mais antigas e interessantes tradições da nossa terra — eu senti dentro em mim uma força que me atraía para o Passado e fui então com a minha memória passar pelo campo santo dos meus extintos dias. Procurava reunir e reler as tantas folhas já arrancadas do livro da minha existência e comigo monologava:

¿ Folhas rasgadas da minha andada vida quantas sôis?
¿ Como estais dispersas, como sôis velhinhas! Tanto tempo há que viveis abandonadas e de mim distantes! ¿ Separou-nos o furacão do Tempo, arrebatando-vos no seu turbilhonar furioso! ¿ E fostes arrebatadas, depois, para o abissal sorvedouro das coisas mortas! ¿ Mas não heis de morrer, que o não permite a minha memória! ¿ Deixai que a minha saudade vos reuna, que os meus cansados e magoados olhos vos contemplem!

¿ O' minha vida morta, surge ante o Presente; deixa-me ver o sarcófago onde jazem ressequidas as illusões da minha juventude!

¿ Folhas esparsas do meu passado, eu quero juntar-vos para convosco formar o livro das minhas saudades!...

E puz-me a contemplar da altura da encosta da vida a que já cheguei a senda por mim trilhada.

O que os meus olhos viram!!...

Era há mais de vinte anos pelas Festas Nicolinas. Um pinheiro muito grande descia ramalhudo, enfeitado e triunfante a rua dos Palheiros. Uma fila interminável de juntas de bois o arrastavam, caminhando vagarosamente.

Era tudo ruidosa alegria entre boa rapaziada escolástica. Aos sons esfarrapados dos trombones da música do *João Indácio*, soprando o hino académico rijamente, vinha juntar-se a chiadeira estridula dos carros, ao estampido forte dos foguetes rebentando nos ares, unia-se o ribombar atroador dos zabumbas que a rapaziada do meu tempo zupava com toda a força do seu braço. ¿ Que animação delirante aquela!

E eu, no meio dos outros, muito pequeno, quasi do tamanho dum feijão, uma carapuça vermelha na cabeça, uns bigodes ferozes de polícia, jaqueta e calça à camponeza, lá andava com uma caixa rufadeira, estrelajando notas sem conta, muito senhor do meu papel.

Julgava-me o mais feliz dos mortais. Aposto que não trocava as baquetas da minha caixa pelo sceptro do maior potentado da terra.

E depois... o Magusto onde à alegria natural da nossa idade se vinha juntar a alegria de Baco, proveniente duma *pinguinha* a mais. Pois se ele era tão baratinho e tão bom e a noite ia tão fria!...

E depois... o Pregão feito em versos sonoros, cheios de graça e beleza, tonitruados pela estentórea voz do *Alvaro* amigo que nos mandava arrazar o mundo. Depois... a distribuição das maçãs róseas e lindas como os rostos daquelas a quem eram oferecidas, róseas e belas como sonhos que circumauravam a nossa despreocupada juventude. Depois... as Danças tão lindas e tantas outras coisas que faziam então a nossa alegria e que são hoje amargas saudades!...

Como são breves as horas da vida, como tudo passa tão velozmente. Recordando tudo isto, lembrei-me também que aqueles folguedos tão antigos na Academia da nossa terra, nem sempre foram celebrados. Houve tempo em que estiveram mortos. Mas em 95 um grupo de estudantes cheios de entusiasmo e intelligência, que souberam avaliar o muito que se perdia, se se perdesse essa tradição, resolveram fazel-as resurgir. E conseguiram o seu intento, objectivaram com todo o brilho a sua aspiração.

Hoje celebram as bodas de prata de tal acontecimento. E eu, que sistematicamente não escrevo, quebro o meu propositado mutismo, para vir exteriorisar o meu sentir.

Muitos daqueles que eram ha 25 anos moços ardosos foram-nos arrebatados pela morte. Para êsses as mádidas lágrimas da nossa saudade.

E vós, «velhos» estudantes que tivestes tão simpática quanto feliz ideia, recebei os meus parabens.



Carlos Abreu

Um dos «Velhos» e grande entusiasta das Festas ao Santo protector dos estudantes.

Não podem deixar de ser grandes as almas onde germinou a tão generosa ideia de nos fazer recordar passados tempos, de proporcionar a todos «os velhos» o prazer illusório duma momentânea mocidade; nem mais pequena devia ser a vontade que realisonou tal pensamento.

A inergia de vossas almas é tamanha, que teve poder para galvanisar um cadáver — o Nosso Passado.

Mocidade de hoje, aprende com eles a querer e a operar.

Francisco Silva

Missionário.



.....
—O' sopeirinha, adeus! então eu não sou gente?
Não se lembra de mim? de mim que antigamente
Fui um seu namorado?
Não se lembra de mim? Estou assim mudado?
.....

Bando de 1915

Autor—Leão Martins

Recitado por:

José Fernandes de Lima.

.....
Prolongamos a obra encetada p'los pais:
Ao lado a livraria, ás costas as batinas,
E revivamos, pois, as festas Nicolinas!
.....

Bando de 1916

Autor—Leão Martins

Recitado por:

Manuel de Castro Garrett.

.....
As flores do jardim, tão lindas, perfumadas,
Sois vós, damas gentis, ó deusas delicadas!
E o canteiro florido ao qual tanto queremos,
A velha Guimarães, torrão onde nascemos.
.....

Bando de 1917

Autor—Leão Martins

Recitado por:

Fausto de Menezes Leite Pinto Mourão.



UM SANTO FESTEJADO

EM 1895, um bando alegre de rapazes de Guimarães conseguiu fazer resurgir a tradicional festa ao S. Nicolau, patrão dos estudantes da terra, desde uma época remota! E, nestes 25 fugidios anos decorridos, a festa tem-se mantido a través de todas as dificuldades, ora atravessando periodos de esplendor, ora decaindo um pouco, mas resistindo sempre, e sempre em pé! Esta bela afirmação de força e de vida, de amor pela tradição e culto do passado, no meio do decadentismo dissolvente da nossa época, que tudo corroe e desorganiza, desde o bom-senso ao bom-gosto, é um facto que impressiona e agrada a todo o espirito equilibrado e lúcido.

Poetas duma elevada inspiração, como Braulio Caldas, Arnaldo Pereira e João de Meyra, renderam então, em anos sucessivos, composições para serem recitadas nos festejos ao S. Nicolau, as quais perduram ainda, hoje e sempre, como verdadeiras joias literarias dum incontestavel valor artistico!

Mas, esta folia de estudantes interessa apenas á gente de Guimarães, e só para nós ela tem uma significação e uma razão de ser. Quem quer estranho á nossa terra ficará mesmo desagradavelmente surpreendido com o caracter, talvez um tanto selvagem, duma festa que arrasta um pinheiro pelas ruas da cidade e que durante oito dias se não cança de nos martelar os ouvidos com um batuque furioso, infernal, impertinente!

Porem, é assim mesmo, sem inovações, é assim que nós queremos que seja, ha 25 anos! É o mesmo estranho observador, o mesmo intruso, muito menos saberá compreender e dar apreço aos madrigais declamados por um moço, de mascara na cara, recitando versos d'amor em plena rua, dentro dum coche adornado, para as varandas repletas de lindas raparigas, que em troca deixam cair dos labios e dos olhos o seu melhor e mais perturbante sorriso! Ha qualquer coisa de fino e delicado, de galanteria medieval em tudo isto, contrastando com a farça arlequinesca duma musica dissonante e atroadora! A poeira dos seculos, a «patine» do tempo marcou a festa invulgar e caracteristica, impregnando-a de curiosos simbolismos duma simplicidade encantadora! Oferecer, por exemplo, a mãos delicadas de mulher, na ponta duma lança, um pómo corado como um pequenino coração ardente, é, sem duvida, uma ideia original, que envolve até um pouco a propria vida, numa expressão inconfundivel e manifesta deste nosso atávico sentimentalismo luzitano! As almas de Gil Vicente e Bernardim fluctuam por vezes sobre a festa. Nas Danças e Pre-

gão ha a loquacidade satírica e amorosa dos velhos autos. Guimarães é uma cidade antiga, cheia de belas tradições: as festas de hoje não desmentem nem repudiam a sua antiguidade senhorial.

E, mesmo encarada pelo lado moral e civico, a Festa deve ser, e é, bem acolhida por todos nós, por isso mesmo que, incluindo e consagrando o dia 1.º de Dezembro, comemora e relembra tambem um facto historico que traduz uma revelação da vitalidade da raça!

Por toda esta interpretação emotiva, tradicionalista e religiosa, o povo de Guimarães tem amor ao S. Nicolau. «Posses», «danças», «novenas», «roubalheiras», festa da mocidade e da cidade, é uma festa bem nossa, absolutamente local, sendo, ao mesmo tempo, uma manifestação ordeira de alegria e bom-humor, alegria cada vez mais apeteçada e indispensavel no meio de toda esta sensaboria contemporanea, de toda esta tristeza nacional que caracteriza o tempo d'hoje...

Guimarães, dezembro de 1920.

Mário Cardozo



.....
Enquanto em Guimarães houver um estudante
Que sinta o peito arfar de vida palpitante,
Há-de realizar se a Nicolina festa
Embora exista ai quem diga que não presta.
.....

Bando de 1919

Autor—Jerónimo d'Almeida

Recitado por:

João Baptista Gomes Seixas.

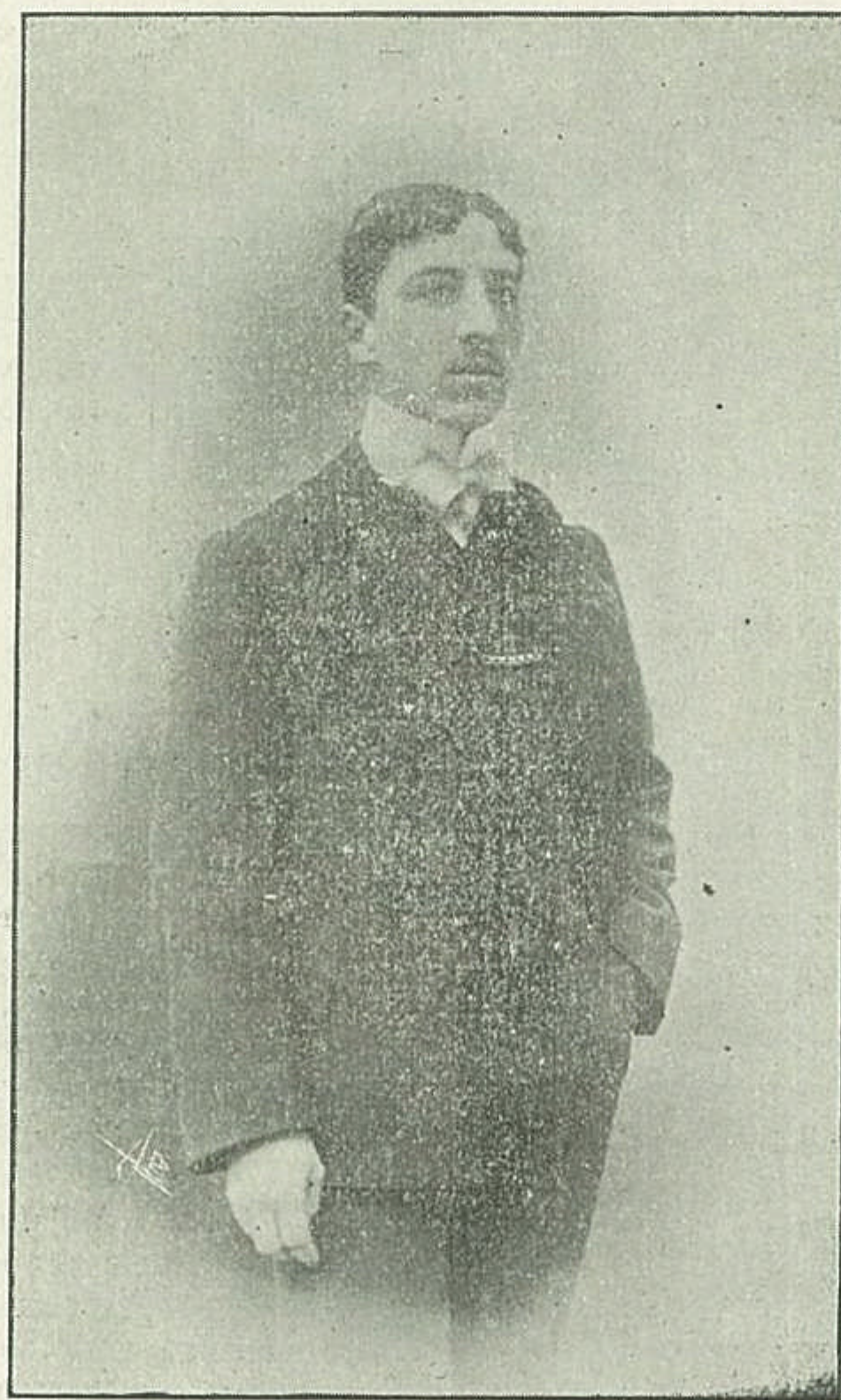
.....
Guimarães, nosso orgulho, orgulha-te de nós,
Que assim vamos cumprindo a herança dos avós
.....

Bando de 1920

Autor—Jerónimo de Almeida.

Recitado por

Bento da Costa Caldas.



Jerónimo de Almeida

Autor do «Bando» e das «Danças» deste ano.

Bando Escholastico

DA

FESTA ACADEMICA

O S. Nicolau em Guimarães

RECITADO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1895

POR

Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio

D. VIRGILIO MARONIS, FRANCISCO BANDARRA DE PANDEGA E BREZUNDELLA, por Sua Magestade D. Ximfrim Banzé, JUIZ perpetuo da confraria de S. Nicolau de Guimarães, GOVERNADOR in partibus da briosa mocidade academica; POETA dos tres costados; ESCRIPTOR honorario de varias associações sciéntificas e litterarias; THESOUREIRO substituto da associação de Soccorros-mutuos Rabelais, Simão Simões & C.ª; CAMAREIRO-MOR da Sociedade do bello sexo; MOÇO FIDALGO do paço das necessidades; PRESIDENTE EFFECTIVO da sociedade do Sem Vintem; ENGENHEIRO director da grande e importante fabrica da Cabula & &

Mando a todos os subditos academicos presentes e futuros, antigos e modernos

Que se faça cumprir; mas sob o meu commando
As prescripções da lei d'este solemne bando.

Prevenção: vou fallar e todos tenham brio
De ouvir com attenção, sem mais ninguem dar pio.

Eu faço aqui lembrar o antigo chafariz...
Quem 'studante não é não mette aqui nariz.
Se o contrario fizer damos-lhe na pavana
Como GALHARDO fez ao negro GUNGUNHANA.

O' grande Nicolau da Lycia filho amante.
Das virgens protector, amigo do estudante.
— Tu és maior no ceu que o grande thaumaturgo,
Na terra muito mais, (aqui no nosso burgo).

OS "VELHOS.."

Por isso ó muito amado, em nós tens um sacrario,
Havemos de fazer-te, em breve, um centenario.

Salvé ó Guimarães, heroe d'antigas eras!
E' teu este festim das nossas primaveras.

D. VIRGILIO descêra ás entranhas da tumba
Resuscitando a festa a toques de zabumba.

Ha dez annos que estava a pobre, sem alento!...
Archivada, entre o pó dos folios da SARMENTO!

Fez vigorar as leis, costumes, palavrórios
Do antigo Estatuto e de outros papelórios.

Mas p'ra que nunca mais se esqueça o festival
Ordêna D. Virgilio a lucta eleitoral.

É renhida e sangrenta!... em votos guerreados
Como a eleição geral dos nossos deputados.

Eu mando reformar o Codigo Civil,
Aos artigos da posse eu hei-de acrescentar mil.

*
* * *

Em posse ficará, depois de lauta ceia
Dançarem uma walsa ao club e á assembléa.
O mystico estudante, o triste visionario
Ha-de cantar á noite o fado do Hilario
Emquanto alegres nós, dançamos, sem vintem
Uma walsa de Strauss e outra de Chopin.
Será posse cumprir com alma e coração
A nova lei que manda a lei da instrucção.
A grande lei de quatro e de noventa e cinco,
— D. Virgilio é quem manda e manda com affinco,
Pois quando elle dictara a magna lei de bronze
Pensava em quatro ou cinco ou entre as dez e as onze.
Em posse ficará fazer uma postura
P'ra illuminar ázeite a triste rua Escura.

Musas de Anachreonte — abri-nos os SALÕES
E referva o Champanhe em doces libações...
Confeitos e missanga e o fino puro e terno
Que Horacio tanto amou nas vinhas de Phalerno.
P'ra que nós sem perder o tino á galhofeira
Possamos dar mais brilho á nossa brincadeira.

Hoje, o Compendio audaz, que nos atrôa e maça,
Recolhe-se a quartéis, comnosco não faz praça.

A Grammatica, esbelta e cheia de QUINDINS,
Faz oração mental... não entra nos festins.

O Cornelio e o Phedro e outros figurões
Dormem a somno solto ao lado de Camões.

As sciencias naturaes e o X da Mathematica
Deixam ficar em zero a sua dogmatica.

A Litteratura, a Historia e a Philosophia
Foram comer marisco ali ao Zé Maria.

E o Velho,—o Latim, de barba amarellada,
De oculos a meio pau, fungando uma pitada,
Remorde-se de inveja e chora e faz pirraças
Ao discip'lo que toca e dança e diz chalaças.

Tricanas, colibris das fabricas de linho
Vinde ouvir, sem temer, a voz do meu carinho.
Se já perdeu de moda a musica e o canto
Das notas magistraes do tal carvalho santo.
Vinde vêr, adorar, n'um largo prasenteiro
Como está levantado o nosso bom pinheiro.
Um pinheiro elegante, esbelto e d'arrebiques
Tal como o pedestal de D. Affonso Henriques.
O pinheiro maior, o mastro mais gigante
Que ao longe e ao largo canta a festa do estudante.

*
* * *

Vós, senhoras gentis, de pura e fina raça,
Fidalgas de solar, cheias de mimo e graça.
Vós todas, ó gentis da terra, que adoramos,
Escutae, recebei o brinde que vos damos.
Reparae como canta amor e amisade
O grupo juvenil da nossa mocidade.
E' posse, é obrigação dar-vos as maçâsinhas,
Esses pômos de amor, perfeitas, coradinhas.
Essa prenda que vae na lança de Cupido
Ferir o coração mais duro e resequido.
Mas, em troca, gentis, volvei um terno olhar
Para estes Romeus que vivem do luar...
Nós vivemos na Lua a cantar madrigaes
E andamos por aqui, gastando o COBRE aos paes.
Mas... perdão... nossos paes já foram como nós
E a Historia não mentiu; já falla dos avós!
Rostos de branco e creme,—ó magnolias puras
Que perfumaes noss'alma! O' anjos, ó venturas!
No meigo azul o sol rebrilha para amar-vos,
E nós, como rivaes, sonhamos para dar-vos
Um palacio primor, feito de cysanthêmos!
Emballado na brisa, onde vos adoremos.
Iguarias de amor em 'splendidas faianças
De rosas e lilaz, de sonhos e de esperanças!...

Agora, um terno adeus, chora ao longe a saudade,
Ao descer ao Poente o sol da mocidade!

Companheiros—partir... que rufem os tambores,
Saudemos Guimarães, este jardim de flôres.

Braulio Caldas.



Alvaro Casimiro

Outro «velho», mas sempre um *bombo*
possante.
Excelente pregoeiro do Bando
em 1898 e 99.

Laus Deo Nicolaoque

**Composto e impresso na Tipografia
Minerva Vimaranesse aos oito dias
do mez de Dezembro de mil nove-
centos e vinte, sob a direcção de
Mário Cardozo, capitão do Exercito,
e Francisco da Silva, missionario : :**

